



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS - FACC**

**RAPHAEL CARDOSO FIGUEIREDO**

**O COMPORTAMENTO DO MERCADO SEGURADOR EM FACE À PANDEMIA**

**RIO DE JANEIRO**

**2022**

**RAPHAEL CARDOSO FIGUEIREDO**

**O COMPORTAMENTO DO MERCADO SEGURADOR EM FACE À PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Contábeis.

**Orientador: CLAUDIO MACIEL**

**RIO DE JANEIRO**

**2022**

## **RESUMO:**

Com o objetivo geral de identificar como o mercado segurador se comportou perante a pandemia da Covid-19, este trabalho apresenta algumas considerações sobre o mercado segurador no Brasil, como o mesmo surgiu e se consolidou e alguns dos instrumentos utilizados pela indústria que permitem às seguradoras controlarem a sua saúde financeira e assim, continuarem a proteger e a segurar os seus clientes perante eventos não programados e aleatórios, que impactam nas suas vidas e bens. Utilizando a metodologia de pesquisa bibliográfica, foi possível dar o necessário embasamento teórico ao texto, apresentando ideias e opiniões expressas por diversos autores com obras publicadas e relacionadas ao tema, possibilitando dar algum contexto ao assunto. Para além disso, a pesquisa documental possibilitou coletar informação relacionada às demonstrações contábeis das cinco seguradoras melhores cotadas no ranking e apresentar os índices que permitem analisar os resultados dessas seguradoras no período entre 2019 e 2021, o auge da pandemia da Covid-19. Verificou-se que, sobretudo, em termos de sinistralidade e índice combinado, a Covid-19 impactou negativamente nessas seguradoras, impedindo um melhor desempenho econômico-financeiro das mesmas.

**Palavras-Chave:** Seguradoras. Pandemia. Ranking. Mercado. Indicadores.

## **ABSTRACT**

With the general objective of identifying how the insurance market behaved in the face of the Covid-19 pandemic, this work presents some considerations about the insurance market in Brazil, how it emerged and consolidated itself and some of the instruments used by the industry that allow insurers to control their financial health and thus continue to protect and insure their customers in the face of unscheduled and random events that impact their lives and assets. Using the methodology of bibliographic research, it was possible to give the necessary theoretical basis to the text, presenting ideas and opinions expressed by several authors with published works related to the theme, making it possible to give some context to the subject. In addition, the documentary research made it possible to collect information related to the financial statements of the five best-rated insurers in the ranking and present the indices that allow the analysis of the results of these insurers in the period between 2019 and 2021, the height of the Covid-19 pandemic. It was found that, above all, in terms of claims ratio and combined rate, Covid-19 had a negative impact on these insurers, preventing its better economic and financial performance.

**Keywords:** Insurance companies. Pandemic. Ranking. Marketplace. Indicators.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ranking Seguradoras em 2019 .....	25
Tabela 2 – Ranking Seguradoras em 2020 .....	25
Tabela 3 – Ranking Seguradoras em 2021 .....	26
Tabela 4 – Índices de Liquidez Geral das Seguradoras entre 2019 e 2021 .....	26
Tabela 5 – Índices de Solvência Geral das Seguradoras entre 2019 e 2021 .....	27

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Índices de Sinistralidade das Seguradoras entre 2019 e 2021 .....	27
Gráfico 2 – Índice Combinado (Combined Rate) das Seguradoras entre 2019 e 2021 .....	28

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>PANDEMIA DA COVID 19</b> .....	<b>10</b>
	2.1 Impactos econômicos da pandemia .....	11
<b>3</b>	<b>MERCADO SEGURADOR</b> .....	<b>14</b>
	3.1 Seguros: resumo histórico .....	15
	3.2 A atividade seguradora no Brasil .....	17
	3.3 Principais indicadores do mercado segurador .....	19
	3.4 Análise financeira .....	20
	3.4.1 Índices de liquidez .....	21
	3.4.1.1 Liquidez Geral .....	21
	3.4.2 Índices de Solvência Geral .....	22
	3.5 Análise Econômica .....	22
	3.5.1 Indicadores de atividade operacional .....	23
	3.5.1.1 Índice de Sinistralidade.....	23
	3.5.1.2 Índice Combinado (Combined Ratio).....	24
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	<b>25</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÕES</b> .....	<b>29</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>31</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O mundo, tal como se conhecia, sofreu enormes mudanças nos dois últimos anos, em consequência do surgimento da pandemia da Covid 19. Em função da pandemia, todos os setores de atividade foram impactados, bem como a forma de trabalhar. Houve a necessidade de renegociar e transformar relações comerciais, o sistema de contratação de serviços e pessoas também foram alterados.

No mercado segurador não foi diferente, com as seguradoras a terem que se adaptar de uma forma rápida, às novas circunstâncias e a ter que enfrentar diversos desafios, dentre os quais os impactos econômicos e financeiros que atingiram a economia mundial.

Tal como explica Petraroli (2020), houve a necessidade de incorporar imediatamente, novas ações nas operações das companhias seguradoras decorrentes das decisões do governo em relação à obrigatoriedade de cobertura para exames, tratamentos e morte, em decorrência do novo Coronavírus.

Em função desse contexto, este trabalho procura responder à seguinte questão: A pandemia promoveu alterações no mercado segurador?

Definiu-se como objetivo geral identificar como o mercado segurador se comportou perante a pandemia da Covid 19. Estabeleceram-se ainda objetivos específicos, tais como: apresentar o panorama do mercado segurador no Brasil; identificar os impactos da pandemia na economia brasileira; e explicar os principais indicadores no mercado segurador.

A justificativa para a abordagem deste tema está relacionada com a atualidade em que a sociedade brasileira se encontra, onde se registram inúmeras mudanças à forma como o mercado, de um modo geral e o de seguros em particular, passou a funcionar como consequência da pandemia da covid 19.

Para apresentar o necessário embasamento teórico, foi aplicada uma pesquisa bibliográfica que, no entendimento de Rother (2007) tem a função de permitir um trabalho amplo, com discussões do estado da arte de um determinado tema, sob uma perspectiva teórica ou contextual.

Metodologicamente, a pesquisa é baseada em uma análise documental utilizando como fonte de dados a Pesquisa FIP das cinco maiores seguradoras brasileiras, no período compreendido entre 2019 e 2021.



Além disso, foi efetuada uma pesquisa descritiva, já que este tipo de pesquisa observa, registra e analisa fatos ou fenômenos, sem interferir nos seus resultados (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007).

Adicionalmente, será realizada uma pesquisa do tipo exploratório, já que se pretende proporcionar maiores informações sobre o assunto escolhido (ANDRADE, 2010).

O meio utilizado foi a pesquisa bibliográfica, partindo de referências ao tema publicados em livros, artigos, teses, dissertações (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007). É o “[...] conjunto de conhecimentos reunidos nas obras. Tem como base fundamental conduzir o leitor a determinado assunto [...]” (FANCHIN, 2001, p. 125).

Já no que diz respeito aos dados a serem comparados e que refletem os dados das empresas estudadas, o tipo de pesquisa adotado foi a pesquisa documental, que recorre a diversas fontes e sem tratamento analítico, onde se incluem tabelas estatísticas, documentos oficiais, relatórios de empresas, etc. Esta é um tipo de pesquisa que utiliza fontes primárias, ou seja, informações e dados que não foram ainda tratados analítica ou cientificamente, sendo um tipo de pesquisa que permite efetuar análises qualitativas (FONSECA, 2002).

Ainda segundo Fonseca (2002) no desenvolver da pesquisa documental, são percorridas três etapas: a pré-análise onde se definem os objetivos da pesquisa documental, ou seja, quais as perguntas se pretende ver respondidas, partindo da análise dos dados; a organização do material, que visa facilitar a interpretação dos dados e onde são definidas categorias que permitam atingir os objetivos do trabalho e; o tratamento dos dados, ou seja, analisar as informações que foram anteriormente compiladas e organizadas e que contribuem para a resolução do problema de pesquisa .

Ainda quanto aos meios, esta pesquisa se classifica como um estudo de caso que, nas palavras de Vergara (2016, p. 47):

[...] é o circunscrito a uma ou poucas unidades, entendidas essas como uma pessoa, uma família, um produto, uma empresa, um órgão público, uma comunidade ou mesmo um país. Tem caráter de profundidade e detalhamento. Pode ou não ser realizado no campo.

Em relação à organização da monografia, a mesma está dividida em capítulos, sendo que neste primeiro capítulo é feita a introdução ao tema, a definição dos objetivos, a justificativa para a abordagem da temática e a metodologia.

O capítulo 2 fala sobre a Covid-19, como surgiu, impactos sociais e econômicos da pandemia, no mundo e no Brasil. Já no capítulo 3 fala-se sobre o mercado segurador, apresentando o tema, fazendo um breve resumo histórico e explicando como a atividade se desenvolve no Brasil, bem como a sua importância. São apresentados ainda os indicadores a partir dos quais a indústria usa como instrumentos de controle da sua saúde financeira.

O capítulo 4 apresenta os resultados conseguidos após consulta às demonstrações contábeis das empresas estudadas, as cinco primeiras empresas do ranking, bem como os resultados após cálculos dos índices, cujas fórmulas são apresentadas no capítulo 3.

As conclusões e as referências bibliográficas consultadas são também apresentadas.

## 2 PANDEMIA DA COVID 19

Conforme explicam Brito et al. (2020), a COVID-19 é uma patologia infectocontagiosa que é ocasionada pelo Coronavírus da síndrome respiratória grave 2, também conhecida como SARS-COV-2. A sua primeira aparição, segundo informação da Organização Mundial de Saúde (OMS), ocorreu no dia 31 de dezembro de 2019, em Wuhan na China. O que se tinha notícia na época era de alguns casos de uma pneumonia causada por um agente patológico desconhecido até então e que foi sendo repassado para as autoridades de saúde.

Afetando inicialmente 26 países ao redor do mundo, o surto de Coronavírus acabou despertando grande preocupação em função da forma rápida como se espalhou pelas várias regiões do mundo, impactando de forma diversa esses lugares e em março de 2020, de acordo com a informação da OMS, já tinham sido ultrapassados mais de 200 mil casos confirmados de Covid-19, em todo o mundo (LIMA et al., 2020).

Devido ao fato de não existirem planos estratégicos prontos para serem aplicados para uma situação como a pandemia do Coronavírus, tanto a OMS como diversas organizações internacionais e nacionais sugeriram a adoção de planos de contingência similares aos da influenza e das suas ferramentas, já que o Coronavírus apresentava diversas semelhanças epidemiológicas e clínicas com aquele vírus respiratório (FREITAS; NAPIMOGA; DONALISIO, 2020).

Para Barreto et al. (2020) o fato do conhecimento científico sobre o novo coronavírus ser insuficiente, a sua elevada velocidade de disseminação e a capacidade de provocar maior número de mortes nas populações vulneráveis, acabou por gerar incertezas em relação à escolha das melhores estratégias que deviam ser colocadas em prática para enfrentar a pandemia nas diversas regiões do globo.

No final do mês de Janeiro de 2020, a OMS decretou uma emergência de saúde pública, para depois no decorrer do mês de março considerar que os casos noticiados já configuravam uma pandemia, afetando o mundo inteiro nos seus mais diversos aspectos, sobretudo no que dizia respeito ao número elevado de mortes como consequência do vírus (SILVA et al., 2020).

De acordo com Netto e Correa (2020), dentre os principais países afetados pela Coronavírus, em junho de 2020, encontrava-se o Brasil, os Estados Unidos, a Rússia, Itália, Reino Unido, França, Índia, Alemanha e Peru.

Esta disseminação rápida resultava das características do próprio vírus e da forma de contaminação, que era pelo ar, podendo ser transmitido através do contato com alguém já infectado, por gotículas de saliva ou partículas emitidas pelas vias respiratórias, em aglomerações, sendo este último o principal agente de disseminação da doença, pela enorme capacidade de transmissão do vírus (SENHORAS; 2020).

Em função destas características, o isolamento social foi a medida mais adotada pelos diferentes países já que visa impedir a disseminação do vírus e neste contexto, funciona como uma medida de orientação para que os indivíduos só saíssem de casa em situações de absoluta necessidade (DIAS et al., 2020).

Conforme explica Senhoras (2020), o cumprimento do isolamento social colocado em prática pela maior parte dos países envolveu a proibição de viagens, o fechamento de fronteiras, fechamento de comércios e de serviços não essenciais, tudo com o objetivo de reduzir índices de transmissão, visando não superlotar os serviços hospitalares.

As projeções em relação ao comportamento futuro da epidemia são fundamentais para que o necessário suporte técnico e científico possa ser priorizado, visando a definição de cenários futuros bem como para a tomada de decisão em relação à escolha das melhores estratégias a serem adotadas para o enfrentamento da pandemia, em cada um dos seus momentos de progressão. As projeções feitas podem ser também utilizadas para a avaliação do impactos das medidas que foram implementadas e para que seja possível planejar a suspensão paulatina dessas medidas sem correr o risco de que a pandemia volte a agravar-se e isso foi algo desafiador (BARRETO et al., 2020).

## 2.1 Impactos econômicos da pandemia

É importante ter em mente que a pandemia não influenciou apenas a saúde dos indivíduos mas também a saúde econômica e dos mercados. Segundo informação da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), as cadeias de distribuição a nível global foram afetadas, as bolsas de

valores sofreram inúmeras perdas, registrou-se a diminuição da demanda por bens de consumo e de produção, houve aumento dos preços de serviços e de produtos, queda no setor de turismo e tudo isto acabou por impactar diretamente o bem estar da população (MUCELIN; D'AQUINO, 2020).

Esses impactos na área econômica causados pela pandemia, geraram efeitos importantes nos mercados locais e internacionais, para além das disfunções associadas às relações internacionais, isto porque alguns países viveram a crise em um contexto semelhante (SENHORAS, 2020).

Segundo Santos e Ribeiro (2020), tanto os mercados locais, como os regionais, nacionais e internacionais foram forçados a adequar-se ao contexto criado pela pandemia, tendo que observar quatro desafios importantes para que a saúde e a vida das pessoas pudessem ser preservados, minimizando os seus prejuízos. São eles: a aplicação das medidas de isolamento social; aumento da oferta dos serviços de saúde; delimitação de mecanismos visando evitar maiores danos no longo prazo, observando o contexto social, político e psicológico da sociedade em questão; adoção e execução de políticas públicas procurando manter empresas, famílias, trabalhadores autônomos, moradores de rua, desempregados e outros que possam ter sofrido financeiramente por causa da pandemia.

Importa referir que o isolamento social, embora necessário, influenciou diretamente na relação entre as pessoas e alguns serviços prestados. O modelo de trabalho em home office conheceu um aumento significativo, além da redução de equipes de trabalho de várias empresas e da falência de muitas outras, causada pela diferença entre a demanda e a procura. Registrou-se ainda um aumento considerável nos índices de trabalhadores informais que procuraram uma complementação de renda, tanto familiar como individual (JUNIOR; SANTA, 2020).

Houve também uma acentuação das desigualdades sociais, onde as camadas da população com menos recursos financeiros, com falta de informação ou de acesso à mesma, os trabalhadores autônomos e aqueles que tem dificuldade no acesso à saúde, foram os mais impactados pelo isolamento social e pela pandemia (FREITAS; PENA, 2020).

No entender de Fernando e McKibbin (2020), uma pandemia temporária e severa como a Covid-19 pode levar à perda média do Produto Interno Bruto (PIB) de até 8,4%, seja nos Estados Unidos da América, seja na Europa. Os autores explicam ainda que, de acordo com a Organização para a Cooperação e

Desenvolvimento Econômico (OCDE), o crescimento econômico à escala global pode cair pela metade.

Alguns dos efeitos nefastos da pandemia podem mostrar-se mais persistentes, sobretudo aqueles que se referem às interrupções que as empresas, os governos e os indivíduos foram sujeitos e que resultarão em riscos para a globalização e para a integração mundial. Nesse sentido, verifica-se que a economia global foi fortemente impactada e afetada pela pandemia e a sua rápida difusão pelo mundo provocou choques econômicos acima do ritmo e da intensidade que foi sentida aquando da crise de 2008 (LIN et al, 2020).

### 3 MERCADO SEGURADOR

Os seguros têm uma importância e uma função social, na medida em que todo o indivíduo está sujeito a acontecimentos incontroláveis como as mudanças climáticas, as catástrofes que vão causando impactos violentos pelo mundo e que, na maioria das vezes, desabrigam, destroem e matam milhares de pessoas e esses acontecimentos trouxeram para a humanidade uma preocupação para buscar algum mecanismo de reparação utilizando uma instituição como intermediária. Foi a partir desta necessidade que surgiu o seguro enquanto instrumento mais adequado para garantir a reposição e a proteção dos bens dos indivíduos, contra acontecimentos que podem vir a acontecer, que são incertos e imprevisíveis. O seguro tornou-se assim uma espécie de economia coletiva visando a prevenção de problemas (SANTOS; 2003).

Para além do conceito popular de seguro, este deve ser relacionado com a finalidade de cada setor. No entender de Luccas Filho (2011), a palavra seguro carrega em si mesma a ideia de proteção, de previdência, de proteção. Assim, seguro é uma proteção que o indivíduo busca para poder se prevenir contra elementos que ele não pode controlar, eventos fortuitos e aleatórios. Contudo, mesmo sem que estabeleça contratos, o indivíduo sempre procurou se prevenir de acontecimentos que pudessem prejudicar ou afetar a sua vida ou o seu patrimônio.

Com o decorrer dos anos, o conceito de seguro foi sendo ampliado e este passou a ser visto como um plano social que combina os riscos de muitos indivíduos dentro de um grupo (FIGUEIREDO, 2012).

Conforme explicam Silva e Chan (2015), o objetivo do seguro é transferir ou minimizar o risco que decorre de eventos aleatórios e que podem causar danos, tendo por base o conceito de mutualismo, ou seja, são constituídos por estruturas financeiras que visam indenizar os segurados bem como os seus beneficiários, caso esses eventos ocorram e possam impactar esses segurados de uma forma negativa. Nesse sentido, para que esses impactos sejam minimizados, existe a formalização de um contrato junto às seguradoras, fixando limites de coberturas, prazos de vigência dos seguros, bem como o valor do prêmio que deve ser pago à seguradora em função dos riscos cobertos.

Ao reduzir a incerteza e os impactos de eventuais grandes perdas, o mercado segurador encoraja a inovação, os novos investimentos e a concorrência (LESTER; ROCHA; FEYEN, 2011).

Conforme Pereira (2006), as companhias de seguros apresentam um elevado risco financeiro nas suas operações, uma vez que, em função do recebimento de prêmios, assumem os riscos de terceiros, tornando-se os responsáveis por repor os bens à sociedade. A seguradora, ao aceitar correr esses riscos, deve respeitar as exigências legais e os limites que visam garantir as condições de pagamento aqueles que fazem seguro, ou seja, os segurados. Além disso, uma instituição que tem como função garantir a segurança dos seus clientes, tem que ser também segura e nesse sentido, é do interesse público que as companhias seguradoras sejam sólidas.

### 3.1 Seguros: resumo histórico

Segundo Chan, Silva e Martins (2006), a preocupação em relação às incertezas do futuro acompanha o indivíduo desde o princípio da humanidade até os dias de hoje. A história do seguro evidencia a presença da insegurança no mundo dos negócios, que decorria das inquietações que se apresentavam em função do risco envolvido nas viagens marítimas.

Para Queiroz (2010), a evolução do seguro apresenta uma relação com a evolução da humanidade e, em função desse critério, é possível dividir a história do seguro em quatro etapas, a saber:

- 1) Fase primitiva: até à criação da primeira apólice;
- 2) Fase intermediária, onde ocorre a institucionalização comercial, ou seja, a criação das companhias seguradoras;
- 3) Fase pré-moderna, caracterizada pela confiança de que os riscos podem ser administrados e controlados pelo indivíduo; e
- 4) Fase moderna, que acontece a integração do mercado de seguros e o mercado financeiro internacional.

Ainda assim e conforme explica Souza (2007), a história da criação dos seguros recua até por volta do ano de 1800 a.C. onde, com o intuito de amenizar os



riscos corridos pelos comerciantes no decorrer do transporte de cargas e pessoas, a sociedade passou a criar espécies de associações que, utilizando um sistema de cooperativismo, realizavam o ressarcimento de outro comerciante que sofresse prejuízos decorrentes de eventos inesperados em seus negócios.

Luccas Filho (2011) acrescenta que no Código de Hamurabi, em 1800 a.C. eram exibidos acordos semelhantes entre hebreus e fenícios visando garantir a reposição das embarcações em caso de infortúnios ocorridos nas suas travessias.

Também o Papa Gregório IX, em 1243, expediu um decreto denominado Contrato de Dinheiro a Risco Marítimo, como parte das proibições indicadas no Código. No caso de haver um contrato de compra de embarcação e da carga, era acrescida uma cláusula rescisória que vigoraria enquanto, tanto a embarcação quanto as cargas chegassem ao seu destino. Após essa situação, o navegante ficava novamente de posse dos seus bens ainda que tivesse que restituir o dinheiro que obtivesse com a venda dos mesmos e pagando uma multa caso houvesse quebra de contrato (GUERREIRO, 2002).

Souza (2007) explica que o Papa Gregório IX baseou-se na usura para classificar o Seguro Marítimo como prática abusiva, uma vez que nesse seguro náutico, os navegadores obtinham um empréstimo em dinheiro que, depois, eles teriam que devolver, com juros, caso a viagem decorresse sem problemas. Se houvesse algum acidente com a embarcação, o navegador ficaria, então, de posse do empréstimo.

Em 1293, o rei D. Diniz institui o primeiro contrato de seguro para as navegações, em Portugal. Contudo, a primeira apólice de seguro marítimo foi instituída em Génova, no ano de 1318 (CONTADOR, 2007).

Naturalmente, os seguros registraram uma evolução e, de acordo com Martins (2002), só no ano de 1347 é que o primeiro contrato de seguro, propriamente dito, foi firmado e está registrado em ata no Arquivo Nacional Genovês.

Segundo Contador (2007), a partir do século XV começam a ser criadas as sociedades seguradoras, precursoras das companhias que existem na atualidade e o primeiro escrito de normas sobre seguros marítimos surge no século XVI em França, o Guidon de la mer, sendo que o seguro marítimo foi um dos aspectos mais importantes para o período das grandes navegações e descobrimentos que aconteceram nos anos subsequentes.

Com o desenrolar do tempo é possível perceber que o grande motivo para as mudanças que ocorrem neste segmento são as tragédias. Souza (2007) explica esta ideia indicando que em Londres, no ano de 1667, ocorreu um enorme incêndio que destruiria mais de 10 mil casas, diversas igrejas e um dos maiores símbolos da cidade, a Catedral de Saint Paul. Na sequência, em 1684, surge em Londres a primeira Companhia de Seguros “Contra Incêndio”, onde foi criado o primeiro seguro incêndio do mundo. Embora o setor tenha conhecido grande desenvolvimento e ampliação no mercado após o surgimento do seguro contra incêndios, a atividade seguradora só viria a conhecer um novo ramo segurador passado 300 anos.

No entender de Andres (2012), a revolução industrial e o início de uma era com forte desenvolvimento fabril contribuíram enormemente para o crescimento do ramo de seguros, uma vez que se registrou um aumento exponencial de veículos automotores durante este período e dois segmentos do ramo estão diretamente ligados a este crescimento, uma vez que uma importante parcela dos seguros que são negociados tem a ver com os automóveis. O crescimento deste setor permitiu agregar outro tipo de seguros associados a estes como é o caso dos seguros de danos materiais e pessoais, roubos, etc.

### 3.2 A atividade seguradora no Brasil

No Brasil, o mercado de seguros está presente desde a chegada da família real portuguesa, em 1808. Conforme explica Abreu e Fernandes (2010), este mercado encontrou dificuldades iniciais para se desenvolver já que o país não tinha um sistema financeiro bem consolidado e, por ser um mercado novo, ainda não existiam regras de atividade bem definidas. O primeiro ramo de seguros a ser comercializado foi o seguro de vida, por ser aquele que melhor se adequava ao contexto do momento. Com o desenrolar do tempo, foram sendo desenvolvidos outros tipos de seguro, procurando corresponder às necessidades vigentes, como é o caso, por exemplo, do seguro marítimo que incluía o seguro para os barcos e para os produtos que neles eram transportados e que começaram a ser extremamente utilizados em virtude do mercado de café, no ano de 1850.

Tal como mencionado anteriormente, a primeira seguradora brasileira a funcionar surge em 1808, na Bahia e tinha como nome Boa Fé. E em 1853, é então criada a primeira sociedade de seguros, a Interesse Público (FIGUEIREDO, 2012).

A primeira companhia de seguros a surgir no Brasil foi a Tranquilidade e:

O seguro, então praticado, era regido pelas regulações da Casa de Seguros de Lisboa, elaboradas em 1771 e reformuladas em 1820. Das seguradoras estrangeiras autorizadas a operar no Brasil, após a independência, a primeira teria sido a portuguesa Garantia, do Porto e cujas operações remontam ao ano de 1682 (MARTINS, 2002, p. 8).

A promulgação do Código Comercial Brasileiro em 1850 viria a proporcionar um aumento no número de seguradoras, que passaram a funcionar não só o seguro marítimo mas também o seguro de vida e o seguro terrestre. Na sequência, em 1860, torna-se obrigatório o pedido de autorização para o funcionamento das companhias de seguros bem como a apresentação de balanço (BORELLI; MONTI, 2013).

O papel do Estado, enquanto normatizador e fiscalizador desta atividade surge apenas quando o mercado começa a adquirir alguma complexidade e diversidade nos negócios, tornado necessário a instauração de um mecanismo que permitisse modular conflitos e interesses e em 1901, o Decreto 4.270, também conhecido como Regulamento Murtinho é editado e é criada a Superintendência Geral de Seguros, cuja função era a fiscalização de todas as seguradoras que atuavam no país (MELLO, 2013).

Em 1932 foi criado o Instituto de Resseguros do Brasil (IRB) e o seu objetivo era funcionar como um instrumento do Estado para a proteção do mercado brasileiro perante as fortes companhias seguradoras estrangeiras e que visava ainda regular o resseguro e fomentar as operações relacionadas com este mercado.

A Superintendência de Seguros Privados (SUSEP) foi criada em 1966 para servir de órgão fiscalizador e controlador, tanto da constituição como do funcionamento das sociedades seguradoras e das entidades abertas de previdência privada e a quem foi ainda atribuído o poder de apurar responsabilidades relacionadas a problemas no desempenho da profissão, em prejuízo das seguradoras ou do mercado, assumindo a SUSEP a tutela dos interesses dos consumidores que compram seguros (MELLO, 2013).

### 3.3 Principais indicadores do mercado segurador

As seguradoras desempenham um importante papel na economia dos países, uma vez que o fato de protegerem a vida e o patrimônio possibilita a redução de incertezas e o impacto de grandes perdas e, em função desse resultado, encorajar investimentos e funcionar como estímulo à concorrência que ocorre em economias de livre mercado. Nesse sentido e segundo Borelli et al. (2015), a função desempenhada pelas seguradoras pode ser considerado como fundamental no fomento do crescimento econômico, já que participam de todos os setores da economia.

No mercado segurador, existem instrumentos que objetivam controlar os riscos inerentes à atividade seguradora e uma vez que as companhias seguradoras são importantes, é necessário que as mesmas tenham as condições de proteger os bens e os direitos segurados e repor a perda financeira que possa ser provocada por eventos aleatórios e não programados, restabelecendo assim o equilíbrio econômico (SILVA, 2017).

Nesse sentido e ainda de acordo com Silva (2017), a contabilidade acaba por ser o instrumento principal a partir da qual é possível avaliar a estabilidade das empresas seguradoras, uma vez que proporciona um conjunto de informações a partir dos quais é possível acompanhar e controlar a situação patrimonial das mesmas, em um determinado momento e sem essas informações contábeis, não haveria a possibilidade de monitorar e analisar o setor de seguros. As informações contábeis inseridas na Superintendência de Seguros Privados (SUSEP) permitem identificar os indicadores contábeis que possibilitam analisar o comportamento do mercado de seguros durante o período pré-pandemia e durante esse mesmo período.

Conforme explica Helfert (2000) a análise por meio de índices é um mecanismo que já é utilizado há bastante tempo e:

[...] não apresentam um critério absoluto, sendo mais úteis quando, em combinações selecionadas, permitem apontar mudanças nas condições financeiras ou operacionais ao longo de vários períodos e auxiliam a ilustrar tendências e os padrões de tais mudanças. Em troca, podem também indicar aos analistas, os riscos e as oportunidades para a empresa que está sendo analisada (HELFERT, 2000, p. 78).

O índice estabelece uma relação entre as contas ou um grupo de contas das demonstrações financeiras, com o objetivo de evidenciar determinado aspecto da situação economia ou financeira de uma empresa. Os índices são, geralmente, mais utilizados em análise das demonstrações financeiras e são indicadores do quadro geral da empresa, não significando que caso a empresa apresente índices considerados ruins, ela esteja próxima de uma situação de insolvência (MATARAZZO, 2003).

Ainda segundo Matarazzo (2003) no caso da análise de indicador econômico, este remete ao lucro, no sentido dinâmico, de movimentação. Já estatisticamente, refere-se ao patrimônio líquido. No caso dos indicadores financeiros, estes referem-se ao dinheiro. De uma forma dinâmica, representa as variações de Caixa, ampla e restritamente. Quando visto de uma forma restrita, remete para a Caixa; quando visto como amplo, remete para a Caixa Circulante líquida.

Para Diniz (2015) o objetivo principal da utilização de índices é possibilitar a extração de tendências e comparar indicadores com padrões já preestabelecidos, além de permitir fazer um retrato do que aconteceu no passado em função das informações disponíveis e, de acordo com esse fato, possibilitar efetuar uma projeção para o futuro decorrente dos parâmetros encontrados.

Segundo Gitman (2010), a análise de índices envolve cálculos, métodos e interpretações de índices financeiros que permitem analisar, compreender e monitorar o desempenho da empresa. Tanto a Demonstração de Resultados do Exercício como o Balanço Patrimonial são demonstrativos essenciais para efetuar essa análise.

Em momento de crise econômica, os índices econômico-financeiros acabam por ser essenciais para auxiliar na tomada de decisões já que, quando os índices são alterados de uma forma significativa e as empresas têm conhecimento dessas informações, elas podem alterar as suas estratégias e tomar decisões mais adequadas, como investir, reduzir gastos, solicitar créditos, etc. (BISCARO; FISHER, 2019).

### 3.4 Análise financeira

A análise financeira engloba um grupo de índices que apresenta a situação financeira da empresa, ou seja, evidencia a capacidade da empresa em efetuar

pagamentos, medindo ainda o seu grau de solvência em função da existência ou não de solidez financeira, o que permite que a empresa possa assumir o cumprimento de compromissos assumidos com terceiros. Para Matarazzo (2008), a análise financeira tem a ver com as relações que se estabelecem entre as disponibilidades e as exigibilidades, envolvendo os ativos realizáveis e os exigíveis da empresa, tanto no curto como no longo prazo, analisando aquilo que a empresa tem disponível perante as suas obrigações, tanto o que tem a receber, como o que tem a pagar.

A análise financeira utiliza-se também para verificar qual a capacidade de pagamento da empresa e a sua situação financeira. Geralmente é utilizada pelos fornecedores para identificar se a empresa tem recursos disponíveis de pagamento das suas dívidas em um determinado prazo (MATARAZZO, 2008).

### 3.4.1 Índices de liquidez

Estes índices estabelecem a relação entre duas grandezas que apresentam a situação financeira da empresa perante os compromissos financeiros que a mesma possui e é uma forma de identificar a capacidade de pagamento e da continuidade da empresa. Este é um índice normalmente utilizado por analista e por credores (MARTINS; MIRANDA; DINIZ, 2020).

Dentro dos índices de liquidez, conforme explica Matarazzo (2008) encontram-se a Liquidez Geral (também conhecido como Liquidez Financeira), a Liquidez Seca, a Liquidez Corrente e a Liquidez Imediata.

#### 3.4.1.1 Liquidez Geral

A liquidez geral permite demonstrar a capacidade de pagamento da empresa no longo prazo e leva em consideração tudo aquilo que ela converterá em dinheiro, relacionando com tudo o que já foi assumido como dívida (MARION, 2019).

Martins, Miranda e Diniz (2020) indicam que o cálculo da Liquidez Geral deve ser feito utilizando a seguinte equação:

$$\text{Liquidez Geral} = \frac{\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável a Longo Prazo}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a Longo Prazo}}$$

Conforme Matarazzo (2003), o índice de liquidez geral indica quanto é que a empresa possui no seu Ativo Circulante e Realizável no longo prazo para conseguir liquidar a sua dívida total.

### 3.4.2 Índices de Solvência Geral

A Solvência Geral serve para mensurar a capacidade total da empresa no cumprimento das obrigações assumidas perante terceiros, seja no curto ou no longo prazo. É diferente da Liquidez Geral na medida em que desconsidera o Ativo Permanente no seu cálculo (SILVA, 2019). Existem diferentes modelos desenhados para identificar o índice de solvência de uma empresa. No caso presente, a equação aplicada para medir a solvência das seguradoras estudadas é a seguinte:

$$\text{Solvência Geral} = \frac{\text{Ativo Total}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a Longo Prazo}}$$

Ainda segundo Silva (2019), este índice é utilizado para apontar quanto é que a empresa possui em Ativos para pagar o capital tomado de terceiros, ou seja, o passivo exigível.

### 3.5 Análise Econômica

A análise econômica possibilita efetuar uma avaliação da rentabilidade e da lucratividade em relação ao desempenho que a empresa vem apresentando. Ao efetua esta análise, o objetivo é conseguir demonstrar, através dos índices, como é que a empresa está utilizando os recursos que foram investidos.

No entender de Silva (1999), esta análise procura avaliar qual o desempenho econômico da empresa, levando em consideração o capital investido e também o volume monetário das receitas que decorrem dos prêmios ganhos no período.

Para executar esta análise, é tomada como base a Demonstração do Resultado do Exercício, onde a análise aborda a questão da finalidade da empresa, dos seus investimentos e da capacidade que a empresa pode apresentar para reduzir a sua rentabilidade e lucratividade. Segundo Matarazzo (2008) ao analisar os

índices deste grupo é possível identificar qual a rentabilidade dos capitais investidos, ou seja, quanto é que os investimentos renderam e, em função disso, qual o grau de êxito econômico atingido pela empresa.

### 3.5.1 Indicadores de atividade operacional

Neste conjunto estão inseridos indicadores que demonstram e avaliam o desempenho das seguradoras no desenvolvimento da sua atividade principal, isto é, a comercialização e o relacionamento com o mercado no funcionamento das suas operações.

Segundo Malacrida, Lima e Costa (2018), estes indicadores de atividade tem como objetivo a avaliação das atividades operacionais das seguradoras. Os índices inseridos neste conjunto são indicadores de despesas em relação às receitas principais das seguradoras, tais como os prêmios ganhos e os resultados financeiros. Nesse sentido, quanto menores os resultados, melhor para a receita e, por consequência, para os lucros da empresa. Neste conjunto encontra-se, por exemplo, a sinistralidade.

#### 3.5.1.1 Índice de Sinistralidade

Este índice pode ser definido como a relação entre o sinistro que é retido e o prêmio ganho, medindo assim o nível de despesa líquida dos sinistros com a receita líquida de prêmio. Em uma seguradora, o sinistro é considerado um custo operacional, enquanto que os prêmios ganhos são as receitas líquidas (MALACRIDA; LIMA; COSTA, 2018).

Este índice é calculado de acordo com a seguinte fórmula:

$$\text{Sinistralidade} = \frac{\text{Sinistros Retidos}}{\text{Prêmios Ganhos}} \times 100$$

É um índice que analisa uma das despesas principais das seguradoras e está relacionada com as indenizações pagas aos segurados decorrentes dos sinistros.



Quanto menor for o indicador apresentado, melhor se encontra a situação operacional da empresa.

### 3.5.1.2 Índice Combinado (Combined Ratio)

Dentre os diversos indicadores mais importantes, o índice combinado é constituído pela soma de indicadores anteriores, isto é, todas as atividades relacionadas às operações da seguradora sobre os prêmios ganhos. Tal como outros índices, o índice combinado evidencia que, quanto menor o resultado, melhor seria para a empresa, o que indica que a mesma tem a capacidade de suportar com a totalidade dessas despesas, em função das receitas (MALACRIDA; LIMA; COSTA, 2018).

O cálculo do índice combinado é o seguinte:

$$IC = \frac{\text{Sinistros Retidos} + \text{Desp. Comerc.} + \text{Desp. Adm}}{\text{Prêmios Ganhos}} \times 100$$

Segundo Souza (2007), esta é uma das melhores formas de avaliar o resultado operacional das seguradoras, já que permite identificar que, quanto menor o índice, melhor é o resultado da empresa no que diz respeito à venda de seguros.

## 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

De um modo geral, nas pesquisas, há a necessidade de organizar os dados que são coletados para que estes possam ser interpretados pelo pesquisador e pelo leitor (DIEHL; TATIM, 2004).

Adotou-se uma pesquisa de análise documental que, de acordo com Gil (2009), tem objetivos específicos e que passam pela análise do conteúdo de um tipo específico de documento, como é o caso dos Balanços Patrimoniais das seguradoras estudadas.

Os dados apresentados em seguida foram coletados a partir das demonstrações financeiras publicadas pelas seguradoras e, posteriormente, trabalhados, utilizando para tal as fórmulas indicadas anteriormente e que permitiram obter as informações agora apresentadas.

O objetivo é identificar o comportamento do mercado segurador, com ênfase nas cinco maiores seguradoras indicadas nos rankings entre 2019 e 2021, durante a pandemia da Covid-19.

As tabelas 1, 2 e 3 apresentam o ranking das seguradoras para os anos de 2019, 2020 e 2021, considerando apenas o seu faturamento.

**Tabela 1 - Ranking Seguradoras em 2019**

<b>Ranking</b>	<b>Empresa</b>	<b>Valores ( R\$ Milhões)</b>
1	Bradesco	R\$ 39.575.664
2	SulAmérica	R\$ 21.252.565
3	Porto Seguro	R\$ 14.687.734
4	Banco do Brasil	R\$ 10.028.788
5	Zurich-Santander	R\$ 9.955.905

Fonte: Sincor, 2020

**Tabela 2 - Ranking Seguradoras em 2020**

<b>Ranking</b>	<b>Empresa</b>	<b>Valores ( R\$ Milhões)</b>
1	Bradesco	R\$ 39.010.086
2	SulAmérica	R\$ 18.945.777
3	Porto Seguro	R\$ 15.132.483
4	Banco do Brasil	R\$ 10.386.163
5	Zurich-Santander	R\$ 10.064.537

Fonte: Sincor, 2021

**Tabela 3 - Ranking Seguradoras em 2021**

Ranking	Empresa	Valores ( R\$ Milhões)
1	Bradesco	R\$ 43.504.998
2	SulAmérica	R\$ 19.691.009
3	Porto Seguro	R\$ 16.944.773
4	Banco do Brasil	R\$ 12.063.738
5	Zurich-Santander	R\$ 11.480.479

Fonte: Sincor, 2022

Verifica-se que o ranking das empresas se mantém idêntico desde 2019, havendo apenas alterações nos valores ganhos pelas seguradoras mencionadas. A Bradesco Seguros é a seguradora com maior volume de faturamento, apresentando um valor bastante elevado quando comparado com as outras seguradoras.

Em relação aos índices mencionados anteriormente e que permitem identificar o comportamento do mercado segurador durante a pandemia da Covid-19, os dados coletados foram os seguintes:

**Tabela 4 – Índices de Liquidez Geral das Seguradoras entre 2019 e 2021**

LIQUIDEZ GERAL	2019	2020	2021
Bradesco Seguros	1,0640766	1,042573	1,032132
Sulamerica	1,308212	1,357682	1,335357
Porto Seguro	1,1807275	1,155744	1,290248
Banco do Brasil Seguros	1,5367705	2,416546	2,206970
Zurich-Santander	1,2690454	1,267498	1,203704

Fonte: Elaboração do autor, 2022

No índice de liquidez geral e nas empresas analisadas, verificou-se que a Bradesco não conseguiu manter o mesmo nível da sua liquidez no período estudado, tendo vindo a diminuir desde 2019. O mesmo ocorreu com a Zurich Santander, que não conseguiu recuperar os níveis de início da pandemia, atingindo em 2021 o seu índice mais baixo.

Tanto a Sulamerica como o Banco do Brasil Seguros tiveram em 2020 os seus melhores índices no decorrer do período estudado, sendo que no caso do Banco do Brasil Seguros, a subida do índice em 2020 foi considerável comparando com 2019, tendo subido de 1,53 para 2,41, embora apresente uma ligeira descida em 2021. O mesmo acontece com a Sulamerica.

Já em relação à Porto Seguro, foi a única seguradora a registrar um decréscimo constante nos três anos estudados. Vale lembrar que o índice de liquidez geral está relacionado com a capacidade de pagamento apresentada pelas seguradoras em relação à liquidação das dívidas.

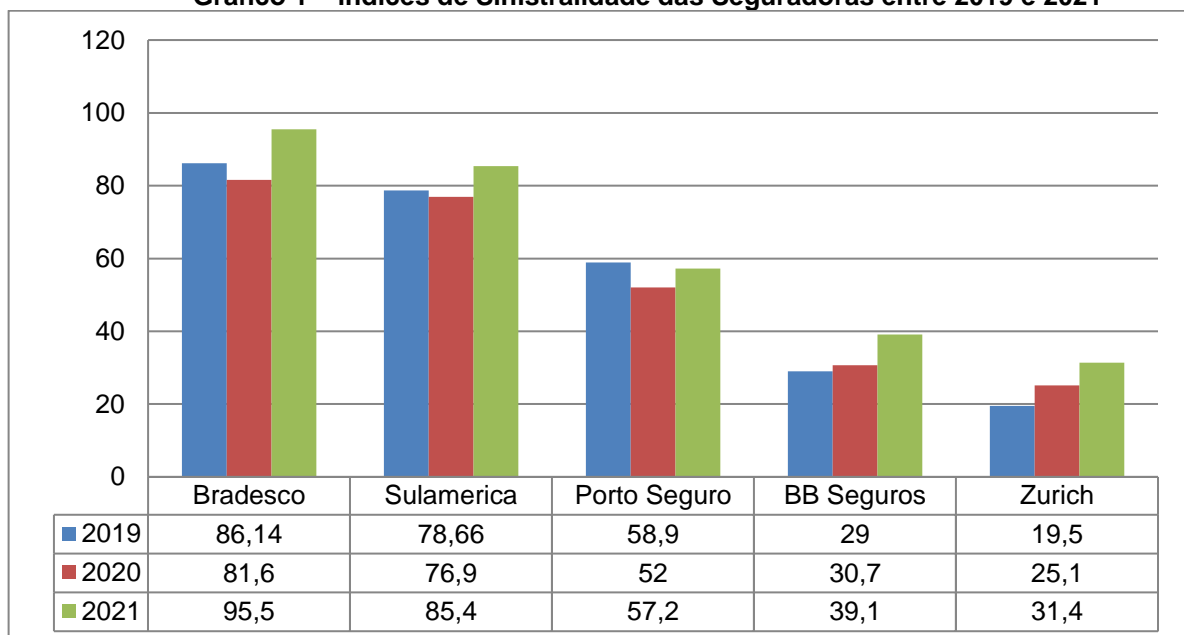
**Tabela 5 – Índices de Solvência Geral das Seguradoras entre 2019 e 2021**

<b>SOLVÊNCIA GERAL</b>	<b>2019</b>	<b>2020</b>	<b>2021</b>
Bradesco Seguros	1,0753166	1,0483198	1,038625
Sulamerica	1,3361293	1,4099989	3,418543
Porto Seguro	1,3383499	1,3218253	1,290248
Banco do Brasil Seguros	1,5423503	2,4165468	2,206970
Zurich-Santander	1,2693941	1,2716946	1,211324

Fonte: Elaboração do autor, 2022

No que diz respeito aos índices de solvência geral das seguradoras e que estão relacionados com a capacidade que as mesmas apresentam para o cumprimento dos seus compromissos financeiros verifica-se que a Sulamerica é a que apresenta maior crescimento, tendo passado de 1,33 em 2019 para 3,41 em 2021. A Banco do Brasil Seguros teve um crescimento considerável de 2019 para 2020, caindo depois em 2021. As outras seguradoras viram os seus índices diminuir também em 2020 e 2021.

**Gráfico 1 – Índices de Sinistralidade das Seguradoras entre 2019 e 2021**

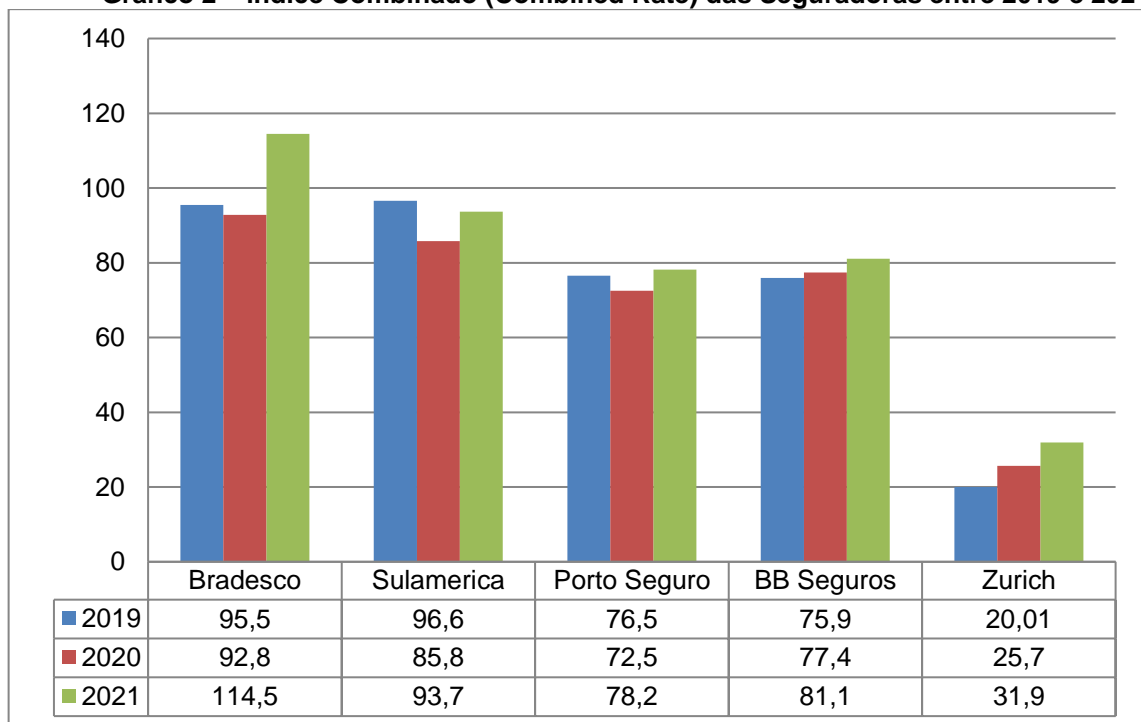


Fonte: Elaboração do autor, 2022

Já no que diz respeito ao índice de sinistralidade entre os anos de 2019 e 2021 e considerando que quando menor o índice, melhor a situação financeira da empresa, verifica-se que a Bradesco Seguros viu o seu índice de sinistralidade piorar consideravelmente em 2021, apresentando o seu valor mais baixo em 2020. A mesma situação acontece com a Sulamerica. Já no caso da Porto Seguro, o seu melhor índice ocorreu em 2020. Resumidamente, todas as seguradoras viram o seu índice de sinistralidade piorar em 2021, quando comparado com o período anterior.

Segundo relatório da Price Waterhouse Coopers (2020), dependendo do ramo de atuação da seguradora, haverá um recuo da sinistralidade devido à reclusão social ainda que, posteriormente, possa assistir-se a uma recuperação dos padrões anteriores, dependendo daquilo a que se passou a chamar de novo normal.

**Gráfico 2 – Índice Combinado (Combined Rate) das Seguradoras entre 2019 e 2021**



Fonte: Elaboração do autor, 2022

Finalmente e em relação ao índice combinado, que remete para a capacidade da empresa em suportar as suas despesas e considerando que quanto menor o índice, melhor a condição da empresa, o que se verifica é que todas as empresas estudadas viram os seus índices piorarem em 2021 em relação a 2020.

## 5 CONCLUSÕES

A pandemia da Covid 19 teve um enorme impacto no mundo a todos os níveis, social, econômico, financeiro, obrigando os indivíduos a alterar os seus hábitos e a forma de viver e se relacionar, em função das restrições à livre circulação e a necessidade do isolamento social para tentar diminuir o contágio e a disseminação do vírus.

Os efeitos da pandemia fizeram-se sentir nos mercados locais e internacionais, uma vez que os diversos países vivenciaram essa crise em um contexto similar e com consequências relativamente idênticas e nesse sentido, o mercado procurou adequar-se à nova realidade, com foco em vertentes essenciais como a proteção da saúde das populações, a mitigação dos efeitos econômicos e inclusive, ao aumento da proteção social.

Com milhões de mortos em todo o mundo, a vacinação veio mitigar as restrições impostas e, aos poucos, a economia e a vida social foram retomando o ritmo. Apesar disso, foram várias as áreas de atividade que sofreram impactos importantes, como é o caso dos seguros.

Sendo uma pandemia, a Covid-19 influenciou na atividade das seguradoras, nos seus diversos ramos, com especial impacto nos seguros de saúde. Mas outros ramos também foram sendo afetados e os resultados das seguradoras traduzem essa situação.

É importante assinalar que os seguros têm uma importância e uma função social, uma vez que qualquer pessoa está sujeita a acontecimentos que não podem ser controlados e que, por isso, há a necessidade de criar mecanismos de reparação que possa oferecer alguma segurança aos indivíduos.

Para tal, um dos mecanismos encontrados foi a criação de uma instituição intermediária, as seguradoras, que pudessem garantir a reposição e a proteção dos bens dos indivíduos. O seguro, que carrega na sua essência, o conceito de proteção, de previdência e de prevenção, daí que as seguradoras desempenhem um papel tão importante nesse universo social, já que permitem proteger a vida e o patrimônio, reduzindo impactos e incertezas perante as grandes perdas decorrentes de eventos imprevistos e imprevisíveis.

Para poderem ter condições de corresponder às necessidades dos segurados, as seguradoras fazem uso de instrumentos que permitem controlar os

riscos inerentes à sua atividade para que possam ter condições de proteger os bens e repor as perdas financeiras provocadas por acontecimentos aleatórios. Dentre esses instrumentos contábilísticos evidenciam-se os índices de liquidez geral, a solvência geral, a sinistralidade e o índice combinado, que permitem identificar e analisar a saúde econômica e financeira das seguradoras.

Neste trabalho, o objetivo foi identificar como o mercado segurador se comportou perante a pandemia da Covid-19, em virtude das circunstâncias.

Para tal, utilizando uma metodologia de pesquisa documental, escolheram-se as seguradoras classificadas nos primeiros cinco lugares do ranking, nos anos de 2019 a 2021, ou seja, os anos de pico da pandemia da Covid-19 e analisaram-se os seus resultados mediante os índices já mencionados.

Foi possível apurar que nesse período, as seguradoras conseguiram manter, ainda que com algumas oscilações, os seus índices de liquidez e de solvência. Já no que diz respeito aos índices de sinistralidade, os mesmos sofreram algumas alterações importantes, para pior, o que deve ser interpretado como consequência dos resultados da Covid-19 nos indivíduos e nas empresas. Como tal, o índice combinado, que resume os resultados dos vários índices, acabou também por apresentar piores resultados em 2020 e em 2021.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, M. P.; FERNANDES, Felipe T. **The insurance industry in Brazil: a long-term view**, 2010.
- ANDRADE, Maria. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação, 10 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.
- ANDRES, Karine. **Variabilidade do Prêmio do Seguro de Automóveis**. Ijuí: 2012.
- BARRETO, Maurício; BARROS, Aluisio; CARVALHO, Marília et al. O que é urgente e necessário para subsidiar as políticas de enfrentamento da pandemia de COVID-19 no Brasil?. **Rev. Bra. Epidemio**, n. 23. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/6rBw5h7FvZThJDcwS9WJkfw/>. Acesso em: 16.abr.2022.
- BISCARO, Eli; FISCHER, Andressa. A importância da análise financeira na tomada de decisão. **Revista de Extensão e Iniciação Científica da UNISOCIESC**, v.6, n.1, 2019. Disponível em: <http://reis.unisociesc.com.br/index.php/reis/article/view/144>. Acesso em: 15.mai.2022.
- BRITO, Sávio; BRAGA, Isaque; CUNHA, Carolina et al. Pandemia da COVID-19: o maior desafio do século XXI. **Vigilância Sanitária em Debate**: Sociedade, Ciência & Tecnologia (Health Surveillance under Debate: Society, Science & Technology) – Visa em Debate, v. 8, n. 2, p. 54-63, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1103209>. Acesso em: 18.abr.2022.
- CHAN, Betty, SILVA, Fabiana, MARTINS, Gilberto. **Fundamentos da Previdência Complementar: da Atuária à Contabilidade**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- CERVO, Amado; BERVIAN, Pedro; SILVA, Roberto. **Metodologia científica**. 6. Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CONTADOR, Claudio. **Economia do Seguro**: fundamentos e aplicações. São Paulo: Atlas, 2007.
- DIAS, Ana; OLIVEIRA, Anieli; ARAÚJO, Débora et al. A importância da alimentação saudável e estado nutricional adequado frente a pandemia de COVID-19. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 9, p. 66464-66473, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/16336>. Acesso em: 14.abr.2022.
- DIEHL, Astor; TATIM, Denise. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**: métodos e técnicas. São Paulo: Prentice Hall, 2004.
- DINIZ, N. **Análise das demonstrações financeiras**. Rio de Janeiro: SESES. 2015. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4277771/mod\\_resource/content/1/Livro\\_An%C3%A1lise%20dos%20Relat%C3%B3rios%20Financeiros.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4277771/mod_resource/content/1/Livro_An%C3%A1lise%20dos%20Relat%C3%B3rios%20Financeiros.pdf). Acesso em:



10.mai.2022.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo: Saraiva. 2001.

FERNANDO, R; MCKIBBIN, W. The Global Macroeconomic Impacts of COVID-19: Seven Scenarios. **CAMA Working Paper**, vol. 19, February, 2020. Disponível em: <<http://henryjenkins.org>>. Acesso em: 02. Mai.2022.

FIGUEIREDO, Sandra. **Contabilidade de Seguros**. São Paulo: Atlas, 2012.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FREITAS, André; Ricardo, NAPIMOGA, Marcelo; DONALISIO, Maria. Análise da gravidade da pandemia de Covid-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, p. e2020119, 2020.

FREITAS, Maria; PENA, Paulo. **Fome e pandemia de Covid-19 no Brasil**. Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia, v. 8, n. 1, p. 34-40, 2020.

GIL, Antonio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GUERREIRO, Marcelo. **Seguros privados**: doutrina, legislação, jurisprudência. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

HELPERT, Erich. **Técnicas de Análise Financeira**: um guia prático para medir o desempenho dos negócios. 5º ed. Porto Alegre: Bookman, 2000.

JUNIOR, Reynaldo; SANTA, Luciana. **Impactos da Covid-19 na Economia**: limites, desafios e políticas. Revista Teste, v. 1, n. 7, p. 35-47, 2020.

LIMA, Danilo; DIAS, Aldo; RABELO, Renata et al. COVID-19 no estado do Ceará, Brasil: comportamentos e crenças na chegada da pandemia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 1575-1586, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/BtsPz7tPKSDFhTRKMzFCYCR>. Acesso em: 19.abr.2022.

LIN, Qianying; SHI, Zhao; DAOZHOU, Gao et al. A conceptual model for the coronavirus disease 2019 (COVID-19) outbreak in Wuhan, China with individual reaction and governmental action. **International Journal of Infectious Diseases**, n. 93, March, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32145465/>. Acesso em: 28.abr.2022.

LUCCAS FILHO, Olívio. **Seguros**: fundamentos, formação de preço, provisões e funções biométricas. São Paulo: Atlas, 2011.

MALACRIDA, Mara; LIMA, Geraldo; COSTA, Jorge. **Contabilidade de Seguros - Fundamentos e Contabilização das Operações**. São Paulo: Atlas. 2018.

MARION, José. **Análise das demonstrações contábeis**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2019

MARTINS, João. **Contrato de seguro**: comentado conforme as disposições do novo

código civil. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

MARTINS, Eliseu; MIRANDA, Gilberto; DINIZ, Josedilton. **Análise didática das demonstrações contábeis**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2020.

MATARAZZO, Dante. **Análise Financeira de Balanços**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

\_\_\_\_\_. **Análise financeira de balanço**: abordagem básica e gerencial. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MUCELIN, Guilherme; D'AQUINO, Lúcia. O papel do direito do consumidor para o bem-estar da população brasileira e o enfrentamento à pandemia de COVID-19. **Revista de Direito do Consumidor**, v. 129, p. 17-46, 2020.

NETTO, Raimundo Gonçalves Ferreira; CORRÊA, José Wilson do Nascimento. Epidemiologia do surto de doença por coronavírus (covid-19). **Desafios-Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**, v. 7, n. Especial-3, p. 18-25, 2020.

PETRAROLI, Ana. **Os impactos da Covid-19 no mercado de seguros**. 2020. Disponível em: <https://jrs.digital/2020/09/22/os-impactos-da-covid-19-no-mercado-de-seguros/>. Acesso em: 17.nov.2021.

PWC. **Impactos da Covid-19 nas seguradoras**, 2020. Disponível em: <https://www.pwc.com.br/pt/estudos/setores-atividade/financeiro/2020/impactos-covid-19-seguradoras.html>. Acesso em: 14.jun.2022.

ROTHER, Edna. **Revisão sistemática x revisão narrativa**. Acta Paulista de Enfermagem, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?lang=pt>. Acesso em: 19.jul.2021.

SANTOS, Mayana. **O Mercado de Seguros de Automóveis: Um Estudo do Comportamento do Consumidor no Sul e Extremo Sul da Bahia**. Salvador: 2003.

SANTOS, Gervásio F.; RIBEIRO, Luiz Carlos S.; CERQUEIRA, Rodrigo B. **Modelagem de impactos econômicos da pandemia Covid-19: aplicação para o estado da Bahia**. 2020.

SENHORAS, Elói Martins. **COVID-19: Enfoques Preventivos**. EdUFRR, 2020.

SILVA, Cayo; CARVALHO, Camila; LINA, Denis et al.. Covid-19: Aspectos da origem, fisiopatologia, imunologia e tratamento-uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 3, p. e6542-e6542, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/6542>. Acesso em: 20.abr.2022.

SILVA, Camila. **O uso de indicadores contábeis para análise de solvência das seguradoras brasileiras**. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis e Atuariais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

SILVA, Fabiana; CHAN, Betty. Análise da Demanda e Sinistralidade do Seguro Prestamista. *In* KON, Anita; BORELLI, Elizabeth (Org.). Aportes ao Desenvolvimento Econômico. São Paulo: Blucher, 2015.

SILVA, A. **Estrutura, análise e interpretação das demonstrações contábeis.** 5.ed. São Paulo: Atlas S.A., 2019.

SILVA, Affonso. **Contabilidade e análise econômico-financeira de seguradoras.** São Paulo: Atlas, 1999.

SOUZA, Sidney. **Seguros: contabilidade, atuária e auditoria.** São Paulo: Saraiva, 2007.

VERGARA, Sylvia. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração.** São Paulo: Atlas, 2016.